

HISTÓRIA ORAL

Aline Hernandes de SOUZA – Centro Universitário Assis Gurgacz
Antonia da Luz HERNANDES – Centro Universitário Assis Gurgacz
Carlos Henrique Beal FONTANELLA – Centro Universitário Assis Gurgacz
José Vinicius Gouveia TORRENTES – Centro Universitário Assis Gurgacz

RESUMO: História Oral, é um método de pesquisa que envolve entrevistas gravadas com pessoas que podem testemunhar sobre eventos, situações, instituições, estilos de vida ou outros aspectos da história contemporânea. Iniciado na década de 1950, após a invenção do gravador, foi amplamente utilizado nos Estados Unidos, Europa e México. Também ganhou um número crescente de seguidores, ampliando as trocas de informações entre os profissionais: historiadores, antropólogos, cientistas políticos, sociólogos, educadores, teóricos literários, psicólogos e outros. Em 1994, foi criada a Associação Brasileira de História Oral, com membros de todas as regiões do país, que se reúnem regularmente em congressos regionais e nacionais e publicam revistas e boletins. Se distingue em tipos diversos, onde podemos buscar informações precisas para apoio pedagógico por todas as Instituições de Ensino dentro e fora do País, contribuindo nos registros de acontecimentos de forma vivida, partindo da experiência pessoal daqueles que participaram dos fatos. As entrevistas com documentos escritos, imagens e outros modelos de registros, são vistos como fonte para a compreensão do passado. Vindo tornar o estudo da história mais concreto e íntimo, propiciando o entendimento de fatos antigos pelas gerações futuras e das experiências vividas dos outros.

PALAVRAS-CHAVE: História Oral, Memória, Desenvolvimento e Pesquisa.

INTRODUÇÃO

O trabalho do historiador é estudar e analisar acontecimentos humanos, com embasamento teórico-metodológicos e vestígios passados com finalidade de estabelecer uma visão a respeito do fato. A história oral relaciona-se com as histórias e as memórias pessoais contadas por determinados indivíduos sobre o seu passado e o processo formal de análise dessas informações, por parte dos historiadores.

Falar, ouvir e trocar olhares constituem a dinâmica desse processo único e importante da vida humana, pois sem a possibilidade de ouvir, contar histórias aprender a si mesmo em forma de conhecimento, ou melhor, em forma de sabedoria, é impossível a pessoa viver plenamente o conteúdo da narrativa. É uma experiência de partilha de registro, a memória e a transformação de uma narrativa em um processo compartilhado, inclui as seguintes dimensões: o estímulo da narrativa, o ato de contar, lembrar e a disponibilidade da escuta. A narrativa histórica é diferente da

narrativa épica, que é lendária e eterna, ou seja, uma narrativa histórica refere-se a "[um tempo de estudo e estudo]" onde as referências cronológicas podem ser encontradas. A história oral relaciona-se com as histórias e as memórias pessoais contadas por determinados indivíduos sobre o seu passado e o processo formal de análise dessas informações, por parte dos historiadores. Alguns autores ao longo da história fazem por expressar o seu interesse na tradição oral, estudando crenças e costumes, de onde resultam produções literárias como o Romanceiro e Cancioneiro Geral de Almeida Garrett (datado de meados do século XIX).

A história oral é uma metodologia sofisticada projetada para produzir uma narrativa como principal fonte de conhecimento. De acordo com o historiador Paul Thompson, a História Oral foi o primeiro tipo de história, construída em torno de pessoas. Narrativa, tema, memória, história e identidade é a humanidade em movimento. São olhares que permeiam uma idade heterogênea é a história em construção. A história e narrativa, assim como história e memória, elas se complementam.

Os historiadores atualmente supõem que tudo o que é produzido pelos humanos pode ser considerado como fonte histórica, fornecendo um campo de estudo considerável para a história, com a memória do testemunho como fonte de compreensão da sociedade

CARACTERÍSTICAS E ENTENDIMENTOS DA HISTÓRIA ORAL

É uma história contemporânea porque podemos ver o passado como algo contínuo, o processo histórico não terminou. A existência do passado no presente das pessoas, é a razão de existir uma história oral.

De acordo com Bom Meihy (1996) há três modalidades de história oral:
História oral de vida – Na qual o depoente tem liberdade para relatar sua experiência através da autobiografia, onde a escrita está ausente. Exemplo história pessoal contada pelo próprio indivíduo.

História oral temática - O indivíduo deve dialogar sobre um assunto específico, ou seja, prioriza algo já estabelecido sobre uma história específica a uma simples narrativa de vida.

Tradição oral - A permanência dos mitos, a visão de mundo de comunidades que têm valores filtrados por estruturas mentais asseguradas em referências do passado remoto, que se manifestam pelo folclore e pela transmissão geracional (Bom Meihy, 1996). Sua principal característica é o testemunho transmitido oralmente de uma geração para outra. Como por exemplo resgate de tradições rurais e urbanas (cantigas de roda, brincadeiras e história infantis).

Vendo como metodologia, a História Oral permite construir fontes que absorvem a memória de um tempo passado, o qual enfatiza indícios, despontando sentimentos emocionais e resgata tempos outrora vivido pelo depoente. É por meio do registro testemunhal de fatos que ocorreram no passado ou no presente, que a História Oral se concretiza, vindo transformar em um fundamental material de pesquisa, ajudando-o difundir o conhecimento para novas gerações.

Como se percebe a oralidade existe desde os primórdios da terra, mas esta oralidade só começa a se tornar história oral de fato, a partir da Segunda Guerra Mundial, onde com a tecnologia ela começa a ganhar vida, podendo-se assim, fazer com que esta oralidade vire documento, sendo a História Oral nessa época. O gravador foi muito usado na Segunda Guerra e posteriormente popularizou-se, afirma Paulo Miceli que desde então o termo "história oral" começa a ganhar notabilidade.

Desde os tempos remotos, a história oral firmou-se como um instrumento de construção tendo constituído uma nova identidade de grupos em desenvolvimento social.

A história oral é caracterizada por uma série de procedimentos no pré, no curso e pós-depoimento. Isso porque a definição de quem, por que e como deve obedecer a critérios pré-estabelecidos de relevância e sentido ao que se quer pesquisar ou preservar.

CONTEXTO HISTÓRICO

Durante as décadas de 1970 e 1980, a ciência como um todo sofrerá uma crise de identidade e paradigma que afetará todos os campos, especialmente o campo humano. Para Vainfas (1997) e Burke (1992), como disciplina, a crise da história faz

parte de um declínio geral de ideologia, política e valores que afetam a sociedade e as humanidades como um todo. Não são apenas os paradigmas históricos tradicionais que entram em colapso, mas conceitos científicos inteiros.

O modelo histórico tradicional foi construído pelo cientificismo do século XIX, quando historiadores como Rank acreditam que podem reviver o que aconteceu no passado. A interdisciplinaridade não é necessária, com objetivo de contar grandes histórias, fatos políticos e trajetórias heroicas. As críticas a essa visão da história são um ataque total aos fundamentos epistemológicos sobre as quais ela se apoia. Os responsáveis por criticar paradigmas históricos tradicionais, pertenciam a primeira geração de Annales, que propunham uma nova forma de pensar a história.

Além desse ataque interno, há uma negação do conceito de verdade absoluta e objetividade. Esse colapso possibilitou a busca por estudos diferentes e inovadores, dando origem a uma nova historiografia que foca em tudo, e sem paradigmas a história seria subjetiva e diferente da história tradicional. O caráter geral desse conflito decorre da ocorrência simultânea da crise da história e da escrita histórica, envolvendo todos os aspectos da profissão do historiador e sua relação com a sociedade. Nesse caso,

o surgimento de uma história oral foi possível ao superar a máxima que “sem documento não há história”.

Esse dogma, “documento” era o que estava escrito e autenticado -, ampliamos, nós os historiadores, o campo de nossas possibilidades de leitura e de interpretação do tempo histórico, (FENELON 1996, p.26).

Além da crítica ao estruturalismo, uma corrente de pensamento nas ciências humanas se inspira em um modelo que entende a realidade social como um conjunto de relações formais. A reintrodução de alguns poucos agentes no grande processo histórico muda a perspectiva historiográfica, deixando a quantidade em segundo plano devido à instabilidade paradigmática da historiografia contemporânea, para ser substituída por outras práticas que permitem emergir novos objetos, questões, ferramentas analíticas e fontes. A pesquisa avançou como modelo na realização da historiografia, buscando descrições realistas do comportamento humano, dando voz a personagens que de outra forma jamais seriam ouvidos. Os sintomas dessa efervescência esquizofrênica serão um número cada vez maior de objetos e,

portanto, fontes, sem perder a erudição e a sensibilidade de tratá-los em uma dimensão interdisciplinar.

ORIGEM E PENSADORES

De acordo com Queiroz (1988), Thompson (1992) e Becker (1993), a história oral foi utilizada por W.I. Thomas F. Znaniecki e antropólogos desde o início dos anos 1900 até os anos 1950 como forma de preservar a memória oral tribal. Ferreira (1998) explicou que a história oral tem crescido consideravelmente nos países da Europa Ocidental e nos Estados Unidos (EUA), onde foram realizadas diversas conferências e também se reuniram pesquisadores da Ásia e da América Latina, embora com um número menor de participantes.

A história oral começa a se espalhar nos Estados Unidos (EUA) em 1950, quando o gravador foi inventado, a partir do qual, a tecnologia começou a ser utilizada em países europeus e no México. Essa técnica se consolidou mais tarde ao reunir historiadores, sociólogos, psicólogos, cientistas políticos de todo o mundo. Sua principal função é melhorar as condições da pesquisa histórica em diversos campos, dar voz a sujeitos anônimos, permitir a divulgação de eventos, experiências e mentalidades não encontradas em documentos escritos (Janotti 1996). Esse preceito, agora conhecido como história oral, vem sendo adotado por novos historiadores, mas o filólogo, compreensivelmente, tem reservas quanto a ele, que surgiu nesse contexto, dando possibilidade para o estudo da história contemporânea.

As entrevistas de história oral são realizadas até nos dias atuais em formatos de descrição de fatos específicos que aconteceram no passado com relatos de pessoas que participaram ou testemunharam o evento por meio de uma série de perguntas feitas pelo entrevistador.

Segundo Verena Alberti, CPDOC/FGV (2012), “A história oral é pautada pela ética e respeito ao desejo do entrevistado, ele pode não querer dar o depoimento”.

Um dos objetivos da história oral é tornar todas as pessoas iguais, independentemente de cor, religião, gênero, condição social ou idade. Há uma tendência a absorver testemunhos de mulheres, idosos e trabalhadores braçais, porque ao longo do tempo também eles vivenciaram histórias muito importantes de

conquistas, reveses, triunfos, fracassos de uma nova perspectiva, de um novo ponto de vista diferente. Sendo que outras técnicas mostram, destacando apenas pessoas que são consideradas importantes para a sociedade, pessoas da burguesia, clero.

De acordo com ALBERTI, SILVA história oral é:

[...] um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica, etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo como forma de se aproximar do objeto de estudo [...] Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc., à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam. (ALBERTI, 1990, SILVA, 1998, p.118).

É importante ressaltar que a história oral tem uma função política associada, a saber, o compromisso com a democracia – condição para ela, e o direito de saber - permite a divulgação de opinião sobre temas atuais (MEIHY, 2005).

Paul Ricoeur (2008) ressalta que o historiador não se pode limitar ao estabelecimento dos fatos, e fazer história consiste em construir, fabricar, “criar”. Assim, a verdade histórica é sempre passível de revisão, em função dos novos arquivos, de novas questões; portanto a resurreição do passado é impossível e só podemos conhecê-lo por relatos, no qual a memória se apresenta como um tipo, que contribui com a formação de uma narrativa histórica.

Incapaz de voltar ao passado, a tradição oral é um dos temas comuns na escrita da história; por isso, Ricoeur diz que o passado só pode ser compreendido por meio de relatos (orais, escritos e visuais).

HISTÓRIA ORAL NO BRASIL

Dificuldades afetam o desenvolvimento e o reconhecimento da história oral no Brasil, existiu duas razões principais para isso. Uma é a falta de apoio político econômico, e de outro lado, pelas características da visão dominante da história dos acadêmicos. As atividades da História Oral não são muito diferentes do resto do mundo, na década de 1970, na criação do Projeto de História Oral do CPDOC- Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea, os historiadores brasileiros buscam esclarecer sua ancestralidade porque uma história que

aconteceu no Brasil há alguns anos, gravar tudo que se conhece em áudio, mas de forma diferente, e encontrar um novo roteiro para uma história já estabelecida, escrita no papel. Além disso, foi criada em 1994 a Associação Brasileira de História Oral, que reúne membros de todas as regiões do país para editar revistas e boletins.

A introdução da história oral no Brasil se deu basicamente por meio Acadêmicos, Centros de Investigação e Universidades. Paralelamente ao programa as histórias institucionais e orais também são disseminadas entre pesquisadores individuais, que elaboravam teses de mestrado e doutorado (FERREIRA, Marieta de Moraes, 1995, p. 5). Constata-se que no Brasil a história oral é praticada, principalmente em Academia. Na obra "História Oral: Possibilidades e Procedimentos" de Sônia Maria de Freitas, Publicado em 2002, a USP identificou pela primeira vez umparadigma para a questão da credibilidade do testemunho oral na perspectiva da tradição historiográfica do século XIX, mudando sua abordagem com o lançamento do Anuário em 1929, de Mark Bloch e Lucien Feffer. No primeiro Congresso de história oral realizado em 1992, foi proposta a criação da Associação Brasileira de História Oral.

Meihy (2002), observa que após o golpe de 1964, o Brasil utilizou histórias orais, sendo que experiências, opiniões ou depoimentos não permitidos. Na época havia dificuldades políticas e econômicas que impediam o uso de entrevistas porque os indivíduos tinham medo de testemunhar. Com a flexibilização da ditadura, em 1975 o CPDOC/FGV-RJ deu início a um programa pioneiro de história oral que passou a coletar e compilar depoimentos da elite política do país (Meihy, 2002). Esses deslocamentos facilitam o uso dessa técnica como forma de registro de memórias de eventos caso contrário desapareceriam com o tempo (Queiroz, 1988). Com o golpe militar de 1964, o prejuízo para a construção foi grande, afetando o avanço do conhecimento e a consciência sócio-política das massas, impactando negativamente no desenvolvimento da história. Tendo a oralidade, limitada a arquivos, registros, experiências, opiniões ou depoimentos.

Na década de 1970, tentativas de resistência foram feitas, com destaque para a criação da Fundação Getúlio Vargas, Centro Brasileiro de Estudo e Documentação da História Contemporânea. Curiosamente, entre os vários autores que escreveram histórias orais, ou quem o utiliza, não há consenso sobre seu conceito. Alguns, como

Verena (1990), a entendem como um método de pesquisa. Para outros, como Queiroz(1988), a história oral pode ser uma técnica de coleta de dados:

História oral é um termo amplo que recobre uma quantidade de relatos respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentação, ou cuja documentação se quer completar. Colhida por meio de entrevistas de variadas formas, ela registra a experiência de um só indivíduo (história de vida) o (história de vida) ou de diversos indivíduos de uma mesma coletividade(tradição oral). (QUEIROZ, 1988, p.19)

A história oral sofreu muito para ser reconhecida como método de pesquisa, enfrentando vários desafios, até a década de 90 no Brasil, a partir dos quais se pode dizer que a história oral aos poucos alcançou uma nova linha, mas de forma instável e desorganizada.

Quanto à sua instabilidade, até a década de 1990, a história oral não deveria ter sido incluída nos currículos dos cursos universitários, era pouco pensada, e nem integrada ao currículo de seminários e simpósios. (FERREIRA, Marieta, 1998).

José Carlos Sede Bom Meihy (1996) analisa que a história oral brasileira nos anos 70, era dar explicações em uma realidade impregnada pelos traumas de silenciamento. A gestação da história oral padecia por interrupções que comprometia a própria reflexão produtiva esbarrando na muralha da autocensura erguida pelos militares. Soma-se a essas tensões o tardio reconhecimento das instituições e pessoas que insistiam em modelos de pesquisa defasados e sem enquadramento nos novos paradigmas de conjuntura mundial. Era a imaturidade frente ao novo. (MEIHY, 1996).

A partir dessa década, a história oral começou a se solidificar realmente no Brasil, a democracia se fortalece e as opiniões dos defensores da história oral ganharam seu espaço. É sabido que a história oral é entendida como uma tendência popular nesta década, sendo utilizada como técnica de marketing fora da academia, o que explica o interesse das empresas em financiar programas de apoio voltados à publicidade com passado e memórias fortes.

PERSPECTIVAS E DESAFIOS DA HISTÓRIA ORAL PARA O SÉCULO XXI

A história oral pode ajudar a preencher a necessidade, a realidade e o desejo de registrar a experiência humana. Isso faz com que essas mudanças tecnológicas

modifiquem o conteúdo dos arquivos históricos, é o que diz Verena Alberti (2006, p. 16) sobre agregar conteúdo ao museu.

Os desafios do século XXI, só podem vir de um verdadeiro equilíbrio entre nossos objetivos como protagonistas e futuros historiadores. Novos métodos e teorias aplicadas ao trabalho histórico como: História econômica, política ou social; na mente de quem não tem história, biografias de trabalhadores, camponeses, classes baixas, poder; questões de gênero ou as ideologias que nos moldam, sejam elas quais forem,

cientificismo, positivismo, marxismo, estruturalismo, etc. Pensemos, no final do séc^{ulo} e milênio, em uma tarefa imperativa e duradoura: a censura da História, a aspiração por uma história completa e inclusiva, daí o reconhecimento da história oral como método investigativo, integrado a outras formas de pesquisa de mídia, a fim de construir histórias de forma sustentável.

Uma perspectiva do século XXI sugere que a história oral aprofunda debates epistemológicos, eleva conceitos e revela diferenças metodológicas. É uma forma divertida de conhecer e aprender sobre as diferentes manifestações da sociedade. Verena Alberti (2006) reconhece a harmonia da história oral com nossos tempos, as novas tendências da pesquisa em humanidades e as diversas influências de um mundo globalizado. Os campos abertos, não mais esgotados, estão cada vez mais evidentes, graças à flexibilidade, criatividade e propósito profundamente social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história oral tem sido aplicada nas pesquisas realizadas em diferentes áreas do conhecimento. No entanto, essa abordagem requer uma análise cuidadosa por parte dos pesquisadores para verificar sua adequação aos sujeitos de pesquisa que motivam e orientam a investigação. Para isso, os pesquisadores devem compreender as diversas aplicações da história oral incluindo a possibilidade de compreender as mudanças nas sociedades, grupos sociais e até mesmo no estilo de vida das pessoas, bem como incorporá-la à pesquisa em ciências naturais, de fontes normalmente não incluídas nas contas oficiais. Mas, por ser um método que envolve ditado e depende da memória do indivíduo ouvido, pode ter implicações ou

problemas relacionados à subjetividade das fontes e à seletividade da memória.

Neste trabalho conseguimos ver o impacto da História Oral desde o nascimento até a modernização, a dificuldade aceitação e inserção de histórias orais, seja no exterior, ou com foco no Brasil. Podemos analisar e diferenciar tipos de história como oral, escrita e diretamente relacionada à memória observando variações, modalidades e seus conceitos. Destacamos especialmente os grandes historiadores que defenderam as mudanças fundamentais dessa luta.

Sabemos que a história oral no Brasil remonta a 1990 com a revolução democrática do país, mas se desenvolveu de forma desordenada, ainda hoje desestruturada.

REFERÊNCIAS

- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves - **História Oral e Narrativa: Tempo, Memória e Identidades**. Disponível em https://moodle.ufsc.br/mod_resource/content.pdf. Acesso em: 10 abr. 2022.
- FERNANDES, Tânia Maria; ALBERTI, Verena (orgs.). **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Casa Osvaldo Cruz, 2000.
- REZENDE, Eliana. **História Oral: o que é? Para que serve? Como se faz?** Disponível em: www.eliana-rezende.com.br. Acesso em: 30 abr. 2022.
- THOMPSON, A. (15 DE ABRIL 1997). **RECOMPOONDO A MEMÓRIA: QUESTÕES SOBRE A RELAÇÃO ENTRE HISTÓRIA ORAL E AS MEMÓRIAS**. Disponível em: www.sudeste2013.historiaoral.org.br/resources/anais. Acesso em: 30 abr. 2022.